

O Sudão precisa de uma paz imediata

ALERTA VERMELHO | Nº 21

Qual é a realidade local no Sudão?

Em 15 de abril de 2023, uma guerra eclodiu entre as Forças Armadas Sudanesas (SAF, na sigla em inglês) – lideradas pelo chefe do Conselho Militar de Transição, general Abdel Fattah al-Burhan – e as Forças de Apoio Rápido (RSF, na sigla em inglês) – lideradas pelo tenente-general Mohamed 'Hemedti' Hamdan Dagalo. Desde então, com o apoio de vários governos estrangeiros, os dois lados têm travado uma terrível guerra de desgaste, na qual os civis são as principais vítimas. É impossível dizer quantas pessoas morreram, mas claramente há um número de mortos significativo. Uma [estimativa](#) constatou que, somente entre abril de 2023 e junho de 2024, o número de vítimas chegou a 150 mil, e vários crimes contra a humanidade foram cometidos por ambos os lados e documentados por várias organizações de direitos humanos. Pelo menos 14,5 milhões de sudaneses, de uma população de 51 milhões, foram [deslocados](#). As pessoas que vivem no cinturão entre El Fasher, em Darfur do Norte, e Kadugli, em Kordofan do Sul, estão lutando contra a fome aguda. Uma recente [análise](#) da Classificação Integrada da Fase de Segurança Alimentar da ONU constatou que cerca de 21,2 milhões de sudaneses – 45% da população – enfrentam altos níveis de insegurança alimentar aguda, com 375 mil pessoas em todo o



país enfrentando níveis “catastróficos” de fome (ou seja, à beira da inanição).

Desde o início da guerra, centenas de milhares de pessoas deslocadas internamente buscaram refúgio em El Fasher, que na época era controlada em grande parte pela SAF. Cerca de 260 mil civis ainda estavam lá em outubro de 2025, quando a RSF rompeu a resistência, entrou na cidade e realizou uma série de massacres documentados. Entre os **mortos** estavam 460 pacientes e seus acompanhantes no Saudi Maternity Hospital. Com a queda da cidade, a RSF passou a controlar em grande parte a vasta província de Darfur, enquanto a SAF detém grande parte do leste do Sudão — incluindo o Porto Sudão, o acesso do país ao mar e ao comércio internacional - bem como a capital Cartum.

Não há sinais de redução da escalada no momento.

Por que a SAF e a RSF estão lutando?

Nenhuma guerra dessa escala tem uma causa simples. O motivo político é simples: trata-se de uma contrarrevolução contra a revolta popular de 2019 que conseguiu destituir o presidente Omar al-Bashir, que governou desde 1993 e cujos últimos anos no poder foram marcados pelo aumento da inflação e pela crise social.

As forças de esquerda e populares por trás do levante de 2019 — que incluíam o Partido Comunista Sudanês, as Forças de Consenso Nacional, a Associação Profissional Sudanesa, a Frente Revolucionária Sudanesa, as Mulheres dos Grupos Cívicos e Políticos Sudaneses e muitos comitês locais de resistência e associações de bairro — forçaram os militares a concordar em supervisionar a transição para um governo civil. Com a ajuda da União Africana, foi criado o Conselho de Soberania Transitória, composto por cinco membros militares e seis civis. Abdalla Hamdok

foi nomeado primeiro-ministro e o juiz Nemat Abdullah Khair presidente do tribunal, com al-Burhan e Hemedti também no conselho. O governo civil-militar destruiu ainda mais a economia com a flutuação da moeda e a privatização do Estado, tornando o contrabando de ouro mais lucrativo e fortalecendo a RSF (esse governo também assinou os Acordos de Abraão, que normalizaram as relações com Israel). As políticas do governo civil-militar exacerbaram as condições para o confronto sobre o poder (controle sobre a segurança pública) e a riqueza (controle sobre o comércio de ouro).

Apesar de seus papéis no conselho, al-Burhan e Hemedti tentaram diversos golpes de Estado até conseguirem em 2021. Depois de deixar de lado os civis, os dois líderes militares iniciaram uma guerra entre os dois lados. Os oficiais da SAF procuraram preservar seu comando sobre o aparato estatal, que em 2019 absorveu 82% do [orçamento](#) do Estado (conforme confirmado pelo primeiro-ministro Abdalla Hamdok em 2020). Eles também tentaram manter o controle de suas empresas, administrando mais de 200 delas por meio de entidades, como o Sistema de Indústrias de Defesa controlado pela SAF ([estimado](#) em 2 bilhões de dólares em receita anual) e [capturando](#) uma parcela significativa da economia formal do Sudão em mineração, telecomunicações e comércio de *commodities* de importação e exportação. A RSF - com raízes na milícia *Janja'wid* [demônios a cavalo] – tentou alavancar a economia de guerra autônoma centralizada em torno da Al Junaid Multi-Activities Corporation, que controla as principais áreas de produção de ouro em Darfur e cerca de [meia dúzia](#) de locais de mineração, incluindo Jebel Amer. Como 50 a 80% da produção total de ouro do Sudão é [contrabandeada](#) (dados de 2022) principalmente para os Emirados Árabes Unidos - em vez de ser exportada oficialmente -, e como a RSF domina a produção nas zonas de mineração artesanal do oeste do Sudão (que respondem por 80-85% da produção total), a RSF captura enormes somas da receita do ouro todos os

anos (estimativa de 860 milhões de dólares somente das minas de Darfur em 2024).

Por trás dessas disputas políticas e materiais estão as pressões ecológicas que agravam a crise. Parte do motivo do longo conflito em Darfur foi a desidratação do Sahel. Durante décadas, as chuvas irregulares e as ondas de calor decorrentes da catástrofe climática expandiram o deserto do Saara para o sul, tornando os recursos hídricos uma causa de conflito e provocando confrontos entre nômades e agricultores estabelecidos. Metade da população do Sudão vive atualmente em insegurança alimentar aguda. A incapacidade de criar um plano econômico para uma população afetada por rápidas mudanças nos padrões climáticos, juntamente com o roubo de recursos por uma pequena elite, deixa o Sudão vulnerável a conflitos de longo prazo. Não se trata apenas de uma guerra entre duas personalidades fortes, mas de uma luta pela transformação de recursos e sua pilhagem por poderes externos. Um acordo de cessar-fogo está mais uma vez na mesa, mas a probabilidade de ser aceito ou mantido é muito baixa enquanto os recursos continuarem sendo o prêmio principal para os vários grupos armados.

Quais são as possibilidades de paz no Sudão?

Um caminho para a paz no Sudão exigiria seis elementos:

1. Um cessar-fogo imediato e monitorado que inclua a criação de corredores humanitários para o trânsito de alimentos e medicamentos. Esses corredores estariam sob a liderança dos Comitês de Resistência, que têm a credibilidade democrática e as redes para fornecer ajuda diretamente aos necessitados.
2. O fim da economia de guerra, especificamente o fechamento das rotas de ouro e armas. Isso incluiria a imposição de sanções rigorosas sobre a venda de armas e a compra de

ouro por parte dos Emirados Árabes Unidos até que rompam todas as relações com a RSF. Os controles de exportação no Porto Sudão também devem ser implementados.

3. O retorno seguro dos exilados políticos e o início de um processo de reconstrução das instituições políticas sob um governo civil eleito ou apoiado pelas forças populares, principalmente os Comitês de Resistência. A SAF deve ser destituída de seu poder político e de seus ativos econômicos e subjugada ao governo. A RSF deve ser desarmada e desmobilizada.
4. A reconstrução imediata da corte suprema do Sudão para investigar e processar os responsáveis pelas atrocidades.
5. A criação imediata de um processo de responsabilização que inclua o julgamento dos senhores da guerra por meio de um tribunal devidamente constituído no Sudão.
6. A reconstrução imediata da comissão de planejamento do Sudão e de seu ministério das finanças para transferir o excedente dos enclaves de exportação para bens públicos e proteções sociais.

Esses seis pontos elaboram os três pilares da União Africana e da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento [Roteiro Conjunto UA-IGAD para a Resolução do Conflito no Sudão](#) (2023). A dificuldade desse roteiro — assim como de outras propostas semelhantes — é que ele depende de doadores, incluindo atores envolvidos na violência. Para que esses seis pontos se tornem realidade, as potências estrangeiras devem ser pressionadas a encerrar seu apoio à SAF e à RSF. Entre eles estão o Egito, a União Europeia, o Catar, a Rússia, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e os Estados Unidos. Nem esse roteiro nem o canal de Jeddah — uma via de mediação saudita-americana lançada em 2023 que se concentra em tréguas curtas e acesso humanitário — incluem grupos civis sudaneses, muito menos os Comitês de Resistência.

Embora o Sudão tenha produzido sua cota de poetas que cantam a dor e o sofrimento, vamos terminar com uma nota diferente. Em 1961, o poeta comunista Taj el-Sir el-Hassan (1935-2013) escreveu “An Afro-Asian Song” [Uma canção afro-asiática], que começa relembando o massacre de Kosti em Joudeh, em 1956, quando 194 camponeses grevistas foram sufocados até a morte enquanto estavam sob custódia policial. Mas é para o final da música que nos detemos, a voz do poeta soando acima do tiroteio:

No coração da África, estou na vanguarda,
e, até Bandung, meu céu está se espalhando.
A oliveira é minha sombra e meu pátio,
Ó, meus camaradas:
Ó camaradas de vanguarda, conduzindo meu povo à glória,
suas velas estão encharcando meu coração de luz verde.
Vou cantar a estrofe final,
para minha amada terra;
para meus colegas na Ásia;
para a Malásia,
e a vibrante Bandung.

Para o povo de El Fasher, para aqueles em Cartum, para meus companheiros em Porto Sudão: caminhem em direção à paz.



PAN *AFRICANISM
TODAY

tricontinental
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social